

PAULO HENRIQUES BRITTO

O castiçal florentino

Contos



O castiçal florentino

Foi no verão, num período da minha vida que hoje, quando olho pra trás, me parece uma espécie de despedida da juventude, o último verão da minha juventude. Não que na época eu encarasse a coisa assim, na época eu me considerava adulto, vinte e tantos anos, morando sozinho no Rio, já formado e trabalhando no meu primeiro emprego, se bem que um emprego que estava longe de ser o ideal, que eu sabia que não seria meu emprego por muito tempo. Numa das minhas idas a São Paulo pra visitar a família eu tinha sido entrevistado por uma firma de lá, aquilo sim seria um emprego. Mas eu não tinha tanta certeza quanto a meu desempenho na entrevista, e no fundo também não sabia muito bem se queria mesmo ser aprovado, aliás nem se queria mesmo ser engenheiro, depois de largar pelo meio o curso de filosofia e embarcar num curso de engenharia, movido por um desses impulsos inexplicáveis que a gente tem na juventude, e me formar, contra as expectativas de todos, inclusive, e principalmente, as minhas. Nos anos da faculdade havia me habituado a morar no Rio, ir à praia nos fins de semana, tinha feito muitos amigos na cidade. Por outro lado, com a formatura minha turma havia se dispersado um pouco, alguns ex-colegas tinham ido trabalhar em outras cidades, e mesmo com os que moravam no Rio eu já não tinha tanto contato; naquele verão em particular vários dos meus amigos mais próximos tinham viajado, e eu estava mais ou menos sozinho no meu apartamento, sem namorada, sem muito trabalho na firma, naquele intervalo comprido

e meio parado entre o Natal e o Carnaval, e por isso eu saía mais do que de costume à noite, e bebia mais do que costumava beber. Uma sensação me dominava, uma sensação de espera, ainda que eu não soubesse exatamente o que estava esperando, ainda que eu não pudesse saber que estava esperando pelo verdadeiro começo da minha vida adulta, o fim da minha juventude.

Numa noite de sábado muito quente, fazia tanto calor que estava na cara que a chuva não podia demorar, o calor era tanto dentro do meu apartamento que resolvi sair, e quando vi estava indo ao cinema, um cinema de arte que havia perto de onde eu morava, era a estreia de um filme, um filme francês ou italiano que, segundo se dizia, a censura muito provavelmente ia proibir mais cedo ou mais tarde, proibir ou pelo menos cortar algumas cenas. Já não lembro se o filme foi ou não proibido, lembro só que a ameaça de censura acabou funcionando como a melhor forma de publicidade, de modo que quando cheguei no cinema a fila já se estendia até a esquina. Por um momento pensei em entrar nela assim mesmo, mas logo vi que a fila se desmanchava à medida que ia passando um funcionário do cinema dizendo: Infelizmente a lotação está esgotada, contamos com a sua compreensão. As pessoas se dispersavam desapontadas, em pares e grupos de três ou quatro, a maioria jovens, a discutir alternativas. E as alternativas eram poucas, já eram quase dez horas e não havia outro cinema perto dali, não havia mais nada a fazer senão voltar pra casa e começar a ler o romance húngaro ou búlgaro que eu tinha comprado num sebo há alguns dias e ainda não tinha aberto. Subindo a Barata Ribeiro, vi numa transversal um cartaz: O CASTIÇAL FLORENTINO. Não me lembrava de que havia ali um cinema ou teatro; me aproximei e li, em letras menores, no alto do cartaz: TEATRO MICROCEFÁLICO. Achei graça no nome e olhei pra entrada, uma porta estreita, espremida entre uma bilheteria e um daqueles

barzinhos suspeitos que servem chope morno e aguado a mestres de obras suíços ou metalúrgicos suecos acompanhados de mulatas com minissaias minúsculas. Por um momento cheguei a pensar que o teatro fosse um inferninho, uma casa de striptease como tantas outras da região, mas bastou examinar a placa com mais atenção pra me convencer de que, por mais improvável que parecesse, era mesmo um lugar consagrado à arte de vanguarda, tão perdido naquele recanto de Copacabana quanto um templo pagão em plena cristandade. Pois em letras ainda menores estava escrito: CRIAÇÃO COLETIVA DO GRUPO EXPERIMENTAL ARTAUD VIVE. Olhei pra bilheteria, o espetáculo começava às vinte e duas horas; consultei o relógio, eram cinco pras dez. Quando dei por mim estava tirando a carteira do bolso e entregando uma nota a uma velha cuja cara amarrada ocupava quase toda a janela da bilheteria.

Entrei numa antessala minúscula e fortemente iluminada, que recendia a mofo. Um banco estreito contra uma das paredes, um bebedouro, uma porta com a palavra LAVATÓRIO e uma cortina. Não havia mais ninguém. Por um instante hesitei, não sabia se eu era mesmo o único espectador, caso em que sem dúvida o espetáculo seria cancelado, ou se as outras pessoas já tinham entrado. O cheiro de mofo era quase insuportável, cheguei a pensar em sair, mesmo tendo acabado de pagar o ingresso, mas suspirei fundo, dei quatro passos em direção à cortina e entrei na sala.

O palco vazio era iluminado por uma luz muito fraca, tão fraca que não dava pra ver se havia outras pessoas na plateia. Tateando, encontrei a última fileira e já ia me sentando quando reparei que o lugar estava ocupado. Perdão, cochichei, e passei pra fileira imediatamente à frente; apalpei o assento do banco, vi que estava mesmo desocupado e me sentei. Passaram-se um ou dois minutos, aos poucos minha vista se acostumou com a escuridão e percebi que

a plateia estava tão vazia quanto o palco, ao que parecia só havia dois espectadores, eu e a pessoa que por um triz eu não havia sentado em cima. O silêncio era quase completo, quase, porque quem estava atrás de mim parecia estar fungando. Me concentrei naquele som, e alguns segundos depois não tinha mais dúvida de que era mesmo alguém chorando. Como nada acontecia no palco, depois de mais um ou dois minutos de espera não consegui me conter e olhei pra trás. Era uma garota, e estava chorando, não muito alto, como se não quisesse atrair a atenção, mas chorando muito, chorando pra valer. Talvez fosse só minha impressão, mas achei que o choro havia aumentado depois que me virei; constrangido, na mesma hora desvirei a cabeça e fixei o olhar no palco vazio. Enquanto isso, o choro da moça aumentava, e minha cabeça foi girando devagar, quase de modo involuntário, embora eu sentisse que não devia olhar, não tinha nenhum direito de me meter no choro alheio, até que vi a moça claramente, uma garota de vinte anos ou pouco mais que isso, bonita, mas de aparência frágil, com uma roupa um tanto inusitada, um vestido muito decotado, que deixava os seios miúdos quase de fora, e uma espécie de chapéu ou touca; e no mesmo instante me dei conta de que ela estava usando um traje de época, que ela era certamente uma atriz, que aquela crise de choro era muito provavelmente o início do espetáculo, que estavam só esperando que eu dissesse alguma coisa à garota pra que a peça por fim começasse. Por isso perguntei a ela: Você está bem?

Pelo visto, essa era mesmo a deixa esperada pra que a ação tivesse início, porque foi só eu falar que a garota se levantou e saiu pra sala de espera, soluçando de modo incontrolável. Por um minuto fiquei imobilizado, sem saber o que fazer; no palco vazio a luz mortífera não aumentava nem diminuía; então, entre curioso e irritado, me levantei também e saí da sala. A antessala agora estava também quase

às escuras, e por pouco não esbarrei num vulto que vinha em sentido contrário: era a velha da bilheteria. Perguntei: Desculpa, mas não vai ter espetáculo não? A velha bufou de irritação: Espetáculo? Pra uma pessoa só? Faça-me o favor! Reagi: Neste caso, quero meu dinheiro de volta. Mas a indignação da velha aumentava, enquanto ela tentava ao mesmo tempo jogar um xale em volta do pescoço e pendurar a bolsa no ombro, e um gesto atrapalhava o outro: E eu, que não vejo a cor do meu salário há dois meses? Quem é que vai me pagar, hein? O Ramón é que não vai ser. Respondi: Não sei quem é o Ramón, nem quero saber, demonstrando uma irritação que na verdade não era tão intensa quanto parecia; era como se eu próprio estivesse representando um papel que se esperava de mim, pensei. E insisti: Quero meu dinheiro de volta, por favor. Mas a velha, que finalmente tinha conseguido ajeitar xale e bolsa, abriu a porta e disse: Se o senhor quiser ficar aqui dentro, pode ficar. Eu estou indo pro Estácio, a essa hora! E olhou pra mim furiosa, segurando a porta entreaberta, como se eu tivesse culpa de ela morar no Estácio. Pensei em responder alguma coisa, mas desisti; a velha, pensei, era perfeitamente capaz de sair e me deixar trancado ali dentro por puro despeito.

Nisso ouvi uma voz atrás de mim, uma voz firme, com um nítido sotaque hispânico: Não liga pra dona Arminda não, que ela é assim mesmo. Virei, era um sujeito um pouco mais velho que eu, louro e grandalhão, acompanhado de outros jovens, entre eles a garota que chorava, todos usando roupas de época. O rapaz louro me estendeu a mão: Muito prazer, eu sou o Ramón. Nesse instante a velha saiu, batendo a porta com força, mas ninguém deu atenção a ela. Apertei a mão de Ramón; ele segurou minha mão com força, agradecendo por eu prestigiar o trabalho deles, dizendo: Lamento a gente ter que cancelar o espetáculo. Compreendo perfeitamente, respondi,

olhando pra ele, mas com toda a atenção voltada pra garota, que continuava chorando baixinho e estava sendo consolada por um rapaz que estava abraçado a ela, sussurrando no ouvido dela, fazendo carinho nela. O rapaz, cabeludo e muito magro, aparentemente ainda mais moço que a garota, agia como se fosse o pai — ou melhor, até, a mãe — dela. As lágrimas da garota desmanchavam a maquiagem pesada e escorriam pelas bochechas negras de tinta. Ramón prosseguia, enquanto me levava a uma saída lateral do teatro: Além de devolver o dinheiro do ingresso eu queria convidar você pra tomar um chope conosco. Claro, com o maior prazer, respondi. E saímos do teatro, os atores ainda com os trajes cênicos, levando suas roupas normais em mochilas, todos falando ao mesmo tempo e se apresentando a mim, Muito prazer, disse um garoto mulato fortão, eu sou o Orlando. Oi, eu sou a Mara, obrigada por nos prestigiar, e a Mara, uma morena baixinha e espevitada, foi logo tacando um beijo estalado no meu rosto, quase encostando a boca nos meus lábios, e nisso entramos num bar a um quarteirão do teatro, que ao que parecia era frequentado pelos atores, porque eles chamaram pelo nome o garçom que veio juntar mesas e arrastar cadeiras assim que nos viu. Enquanto nos instalávamos, prosseguia a conversa cochichada entre a moça que já não chorava e o magricelo, que agora ajeitava com ternura os cabelos dela, castanhos e compridos, uma conversa unilateral, pois praticamente só ele falava enquanto ela escutava, fungando de vez em quando, mas agora já arriscando um ou outro sorriso tímido, exibindo os dentes pequenos e delicados. Nesse ínterim, o Ramón fazia os pedidos ao garçom: Chope pra todos e um guaraná pra menina, e pela primeira vez ouvi a voz da garota do choro, uma vozinha suave e musical: Eu também quero chope, e em seguida a Mara e o Orlando, como se tivessem ensaiado, disseram em coro: Mas tomarás guaraná, e em seguida todos riram, menos a

garota e o Ramón, que ainda falava com o garçom: E uma pizza de muçarela, gigante, à francesa, dirigindo um olhar ao grupo, como se consultasse os outros, mas era um gesto puramente protocolar, ninguém fez nenhuma objeção, os pedidos foram feitos, o garçom se afastou e todos continuaram a falar ao mesmo tempo.

Era essa uma das coisas, vejo agora, que caracterizavam a minha juventude, esse período de minha vida que estava se encerrando, sem que eu soubesse disso, naquele verão: a disponibilidade total, que me fazia sair pra ir ao cinema só porque estava fazendo muito calor em casa, e em vez de ir ao cinema comprar um ingresso pra uma obscura apresentação teatral e terminar a noite tomando chope com um grupo de pessoas totalmente desconhecidas. Não só desconhecidas, como também pertencentes a um mundo muito diferente do meu, pessoas que tagarelavam sem parar sobre coisas que me eram estranhas, rindo de comentários de todo opacos pra mim, trocando farpas bem-humoradas com um sentido que me escapava por completo. Só o Ramón fazia questão de me incluir, dando explicações, me informando a respeito do grupo, da possibilidade de utilizar uma sala numa igreja em Botafogo, perto de onde ele morava, agora que o Microcefálico havia se tornado inviável, e também falando dos atores — entre outras coisas, me disse que a moça chorona se chamava Antônia, por algum motivo o nome me pareceu absurdo no momento em que o Ramón o mencionou, e, coisa ainda mais inexplicável, logo em seguida me pareceu perfeito, o único nome adequado a uma garota com aquele exato gesto de jogar pra trás os cabelos, aqueles precisos dentes miúdos que apareciam entre os lábios quando ela sorria ou falava. E as pessoas do grupo não apenas eram desconhecidas e pertencentes a um mundo desconhecido como também pareciam não ter nenhuma curiosidade sobre mim, sobre o que tinha me levado a ser o único interessado em

assistir àquele espetáculo naquela noite de sábado. Aliás, foi só por volta do terceiro chope que a Mara, não o Ramón e sim a Mara, perguntou meu nome, embora logo em seguida meu nome tenha sido eclipsado em caráter definitivo pelo apelido — o primeiro e único apelido que tive na minha vida, ainda que por pouco tempo — de D. P., surgido quando a Mara me apresentou ao garçom como o distinto público que o espetáculo do Artaud Vive tinha tido naquela noite memorável. E no entanto, embora eu tivesse perfeita consciência de tudo isso, a situação me parecia natural, eu aceitava tudo plenamente, aguardando até com uma certa paciência o momento — que, pensava eu, haveria de chegar mais cedo ou mais tarde — em que eu teria oportunidade de falar com a Antônia.

Mas isso acabou não acontecendo naquela noite; vários chopos depois, a Antônia, no seu segundo ou terceiro guaraná, começou a cochilar na cadeira, quando então o rapaz magro interveio na conversação geral: Gente, está ficando tarde, eu vou ter que puxar. Na mesma hora a Mara protestou: Ah, Binho, o que é isso, a noite é uma criança, mas aí o Orlando reforçou: Não, está todo mundo cansado, olha só pra Antônia, ela já está quase escorregando pra baixo da mesa, e a Mara: Isso é que dá, se encher de guaraná em vez de beber bebida de gente grande, e a Antônia endireitando-se na cadeira: Eu não estou com sono não, estava só descansando um pouco, comentário que provocou gargalhadas gerais, deixando a Antônia um pouco irritada, e o Binho na mesma hora foi se levantando e dizendo, Bom, eu vou pedir a conta pra ver quanto é a minha parte, se vocês quiserem continuar, tudo bem, mas aí o Ramón pronunciou-se: É, está ficando tarde mesmo, eu também estou cansado, e já está começando a chover, vamos embora antes que piore, e na mesma hora fez sinal pro garçom trazer uma última rodada de chopos e a conta, embora a Mara protestasse: Mas amanhã

é domingo, o que provocou uma réplica do Orlando: Por isso mesmo, amanhã todo mundo tem que estar cedo lá na missa senão o padre não cede a sala pra gente, o que provocou mais risos. A Mara insistiu: Até parece que alguém aqui acorda cedo algum dia, quanto mais no domingo, e virando-se pra mim acrescentou: Aposto que nem mesmo o D. P., que é engenheiro. Isso porque no meio da conversa daquela noite eu havia comentado que era engenheiro, o que despertou o interesse do Ramón por um motivo bem prático — eles estavam precisando de alguém que soubesse operar um gravador de rolo e editar uma fita com músicas e efeitos sonoros pra servir de trilha sonora do espetáculo, porque a nova versão da peça teria uma trilha sonora complexa. Eu tinha respondido que era perfeitamente capaz de fazer o que eles queriam, explicando que tinha até gravador de rolo em casa, me oferecendo pra ajudar o grupo no que fosse necessário, uma oferta recebida por todos com muitas manifestações calorosas de gratidão e comemorada com mais uma rodada de chope. Agora o comentário da Mara fez o Ramón virar-se pra mim: E a tua oferta, continua de pé? Claro, respondi, vocês podem me procurar na semana que vem. E assim, enquanto nos despedíamos, com abraços — e beijos, no caso da Mara, mas não da Antônia, que manteve a cabeça a alguns centímetros do meu rosto enquanto beijava o ar — trocamos endereços e telefones anotados em guardanapos de papel, pois é claro que nenhum de nós tinha cartão de visitas.

Foi então que teve início de verdade isso que estou chamando de despedida da minha juventude, a última vez que mergulhei de corpo e alma num projeto que não era meu projeto, que me dediquei com afinco a uma atividade que, como eu sabia muito bem, nada tinha a ver comigo. Afinal, o que eu entendia de teatro? O que eu tinha a ver com ensaios, adereços, bilheterias? Nada, é claro; e no entanto meu apartamento de Copacabana virou, ainda que por pouco tempo, um

pequeno centro de atividade teatral, ou, mais exatamente, um estúdio de sonoplastia improvisado; quase toda noite iam no mínimo três pessoas lá, o Ramón sempre, quase sempre o Orlando, que era o único que sabia alguma coisa a respeito de gravadores e microfones, de vez em quando outras pessoas que me eram apresentadas, com as quais eu conversava efusivamente, que depois se despediam de mim trocando telefones e endereços, e em seguida desapareciam pra todo o sempre, e o tempo todo eu tinha esperança de que viesse também a Antônia, embora jamais perguntasse por ela, jamais pronunciasse o nome dela, nem mesmo quando vinha o Binho, aquele rapaz franzino e estranho que pra mim representava acima de tudo a proximidade da Antônia, a possibilidade de estar com a Antônia.

E de vez em quando de fato acontecia a coisa que eu esperava, tocava o interfone, eu ia atender e era ela, a Antônia, perguntando, O pessoal está aí?, e eu, Está sim, o Ramón e o Orlando chegaram agorinha mesmo, e a Antônia subia, eu ia abrir a porta, e lá estava a Antônia, com seu traje infalível, vestidos longos de um tecido etéreo, quase tão fora de moda quanto o traje do personagem que ela representava na peça, vestidos comprados em brechós e outros lugares pouco convencionais, e um chapéu de aba larga na cabeça, com aquele ar de fragilidade e irrealidade que era um traço em comum entre ela e o Binho, que me fazia pensar nela sempre que eu via o Binho. E, de fato, parecia haver entre eles dois uma cumplicidade curiosa, não como se namorassem — eu não conseguia imaginar o Binho na cama com a Antônia, não por uma questão de ciúmes, veja bem, mas porque havia algo na relação entre eles que parecia não passar pelo plano do sexo, como se os dois fossem ex-colegas do jardim de infância, ou irmãos — mas não, também não era bem isso, nunca consegui entender exatamente o que era. O fato é que quando a Antônia aparecia lá em casa eu me

esforçava mais do que nunca pra não demonstrar a atração que sentia por ela, pra não deixar transparecer que era ela o motivo principal do meu apartamento ter se transformado numa espécie de quartel-general do Artaud Vive. E na verdade não era difícil disfarçar meus sentimentos, porque eu era requisitado o tempo todo pra lidar com o equipamento, pra comentar sobre a qualidade do som e a duração de um determinado efeito sonoro, pra cortar e emendar uma fita, quando não estava me ocupando de comprar mais cerveja no bar da esquina, porque essas sessões de trabalho de sonoplastia eram sempre regadas a cerveja, ou às vezes um baseado trazido pelo Orlando, de vez em quando uma garrafa de vinho branco trazida pela Mara, que gostava mais de vinho branco que de cerveja e que tinha discussões intermináveis com o Orlando, pois ela tinha opinião sobre tudo e sua opinião era quase sempre oposta à do Orlando ou a de quem quer que fosse. Eles às vezes aproveitavam aqueles encontros no meu apartamento pra discutir sobre o texto, que estava sempre sendo modificado, sofrendo cortes e acréscimos, eram cacos que surgiam num ensaio e eram incorporados à fala de um personagem, depois de longas discussões sobre o risco de que esse ou aquele acréscimo implicasse problemas com a censura. Mas no mais das vezes os atores se limitavam a tomar cerveja e conversar e ouvir música, ficavam mexendo nos meus discos, ouvindo uma faixa de um, outra de outro, até que a Antônia começava a dançar, quase sempre sozinha, o que era sinal inconfundível de que estava ficando bêbada — o que acontecia com facilidade, pois a Antônia ficava bêbada com dois copos de cerveja — e então o resto da trupe se divertia escondendo seu copo, e, quando ela protestava e pedia o copo de volta, repetindo em uníssono: Mas tomarás guaraná, o que sempre provocava hilaridade geral.

Numa dessas ocasiões, em que a Antônia havia bebido um pouco mais do que o normal, e a brincadeira do mas-tomarás-guaraná começava a ameaçar desdobramentos mais sérios, que talvez incluíssem uma crise de choro da Antônia semelhante àquela que eu já havia presenciado, real ou fingida, ofereci-me pra ir até o bar comprar o guaraná de que tanto falavam, juntamente com mais umas cervejas, e pra meu espanto e felicidade a Antônia não só aprovou a ideia como também resolveu que ia comigo, pra me ajudar a carregar as bebidas. Na mesma hora o Binho fez menção de ir também, mas houve uma rápida troca de olhares entre ela e o Binho — e talvez o Ramón também, não sei por quê, mas tive a impressão de que ela olhou rapidamente pro Ramón, e o Ramón pro Binho — o fato é que depois dessa troca de olhares, uma coisa muito rápida, sem dúvida, mas que me pareceu real, o fato é que depois disso o Binho, que havia chegado a se levantar, ou a fazer menção de se levantar, voltou a sentar-se, talvez um pouco contrariado — era difícil saber, porque o Binho parecia quase o tempo todo estar um pouco contrariado por algum motivo — e saímos só nós dois, eu e a Antônia, a Antônia e eu.

Era a primeira vez que eu me via a sós com a Antônia, eu pensava, enquanto esperava o elevador com ela, olhando pra ela bem de perto. Foi então que me dei conta da extrema brancura da Antônia, uma palidez que parecia impossível de encontrar numa garota em pleno verão carioca, uma palidez de quem jamais ia à praia, de quem nunca saía de casa sem chapéu, como se o sol de verão fosse uma ameaça constante à pele delicada dela. E percebi também uma outra coisa a respeito da Antônia, uma coisa talvez irrelevante, mas que na hora não me pareceu irrelevante, que era uma ligeira assimetria no rosto dela, um dos olhos era um pouco mais aberto que o outro, uma coisa que naquele momento me pareceu importante, talvez até

*image
not
available*

enfrentar pressões de seus superiores hierárquicos, porque pra eles não era apropriado montar numa igreja uma peça experimental como aquela, uma peça que só não havia enfrentado problemas com a censura porque até então tinha sido apresentada apenas num teatro completamente não comercial, sem nenhuma divulgação na imprensa, porque se houvesse mais divulgação, que era precisamente o que o Ramón estava tentando conseguir, aí as coisas poderiam se complicar pro lado do padre. E foi no decorrer de uma dessas conversas, ou melhor, de um desses monólogos do Ramón, os quais eu me limitava a pontuar de vez em quando com um Sei ou É, que ele me convidou a ir à igreja pra assistir a um ensaio geral: Afinal, D. P., a peça já está ficando pronta, é importante que conheças a sala, até pra testar o que já gravamos da trilha sonora, ver se a acústica é boa, se os nossos alto-falantes servem ou se vamos ter que arranjar outros. E eu: Claro, vamos sim, é só vocês marcarem o dia.

E assim foi que passei a acompanhar regularmente os ensaios do Artaud Vive, a tal ponto que, pelo menos na igreja, comecei a ser visto como um membro da companhia, ainda que os verdadeiros membros sem dúvida tivessem consciência de que eu não era, nem jamais seria, um deles. Fosse como fosse, eu agora estava presente a quase todos os ensaios, até decorei boa parte das falas, tanto assim que uma vez em que o Ramón telefonou pra igreja dizendo que ia chegar atrasado fui escalado pra substituí-lo, ele era o diretor do espetáculo e também representava um papel secundário, o do Inquisidor, um papel não totalmente sem importância, quer dizer, até importante, de certo modo, mas com poucas falas, e foi só quando ele me pediu que quebrasse um galho e o substituísse enquanto ele não chegava, pra não atrasar o ensaio, que me dei conta de que já sabia de cor e salteado todas as falas do seu personagem, que não eram muitas nem muito longas, com exceção de uma, perto

*image
not
available*

não significava nada pra mim, e daí a pouco dei por mim chamando o César pra um canto e dizendo: Seguinte, estou saindo à francesa porque estou precisando pôr o sono em dia. O César tentou me convencer a ficar: Mas logo agora que a festa está começando a animar, rapaz, o Leco está vindo aí, ele me falou que vinha um pouco mais tarde mas vinha com certeza, há quanto tempo você não vê o Leco? Mas eu fiz pé firme: Não, cara, não dá não, eu estou mesmo pregado, mas uma noite dessas a gente sai juntos, eu, você, o Leco também, aliás diz que eu deixei um abraço pra ele, uma noite dessas a gente sai pra tomar um chope e pôr a conversa em dia, não é? Saí da festa de fininho e resolvi voltar pra casa a pé, era uma caminhada razoável mas eu não estava cansado, ainda não era nem meia-noite, eu queria caminhar e pensar, pensar na vida, na Ana Paula, no César e no Luiz com Z, até na proposta de trabalho do Luiz, e quando dei por mim estava indo não pra casa e sim pro botequim perto do Microcefálico, o lugar onde eu havia pela primeira vez tomado um chope com o pessoal do Artaud Vive, e chegando lá não havia ninguém do grupo, e por algum motivo isso me deixou arrasado, comecei a imaginar que estariam todos juntos em algum lugar, certamente se divertindo muito mais do que naquela festa besta em Ipanema, e enquanto caminhava pra casa, no meio de uma garoa fina que começou a cair de repente, eu me sentia plenamente decidido a fazer teatro, a me profissionalizar como engenheiro de som e de luz, e a decisão me pareceu irrevogável, como parecem irrevogáveis todas as decisões que a gente toma depois de três uísques e antes dos trinta anos de idade.

Foi logo depois desse dia, me lembro que chovia muito, desde o dia da festa em Ipanema não parava de chover, eu estava em casa, ainda de manhã bem cedo, quando tocou o interfone, era o Binho; mandei subir sem entender direito o que o Binho vinha fazer na

*image
not
available*

Lembro em particular da última reunião com o padre, um italiano de seus quarenta anos, argentino ou italiano, não sei dizer direito, não tinha o menor jeito de padre, se vestia mais ou menos como nós, jeans e camiseta, só que usava sapatos pretos em vez de tênis, um italiano ou argentino de fala lenta, com um sotaque que lembrava o do Ramón, dizendo que estava de fato sendo pressionado pela hierarquia, perigava de ele ser transferido de Botafogo pra alguma paróquia no subúrbio, tinha tido uma conversa muito desagradável com um membro da hierarquia, ele nunca dizia quem era, se era o bispo ou o quê, dizia só isso, um membro da hierarquia, tinha sido um verdadeiro interrogatório, uma inquisição — mas que ideia era aquela, disseram a ele, deixar a sala da igreja ser usada por um bando de maconheiros pra montar um espetáculo obsceno e subversivo, certamente uma peça que nada tinha a ver com a Igreja, que de certo modo até atacava a Igreja, afinal o personagem do Inquisidor era o vilão da peça, enfim, um grupo de subversivos que se fazia passar por trupe teatral, e um grupo liderado por um elemento estrangeiro, comunista, e ainda por cima judeu — e ao dizer isso o padre soltou um risinho irônico, mas que ao mesmo tempo, isso eu percebi, era também um riso tenso, uma espécie de tique nervoso, e foi nesse momento que caiu a ficha, eu percebi que o padre também estava com medo, até ele, todo mundo estava com medo, a situação era séria. Mas, o padre insistiu, minha palavra está dada e vocês podem contar comigo, não vou arredar pé, enquanto eu estiver aqui na paróquia esta sala é de vocês. Nisso a Mara perguntou: Mas e o Ramón, onde que ele está, o senhor está sabendo de alguma coisa? E o padre riu aquele riso nervoso outra vez, e disse: Fiquem tranquilos que o Ramón está bem, mas não me perguntem mais nada porque não posso dizer mais nada.

*image
not
available*

mais velho do que era na verdade, era Inácio que todos tomavam por bem mais moço; sempre foi mirrado, ossos miúdos, ninguém imaginava que ele tivesse aquela força incrível que tinha nos braços, e até os vinte anos, ou quase isso, era completamente imberbe, o que causava sensação quando ele subia no palco, pois quando começava a tocar com aquela precisão absoluta, aquele vigor extraordinário, incomparável, tinha-se a impressão de que era um menino-prodígio, e de fato Inácio tinha sido um menino-prodígio, mas quando o conheci, apesar da pouca idade, ele já era um músico maduro... Mas, dizia eu, meu primeiro contato com o Inácio foi o pior possível. Foi assim: entrei na sala de aula e me sentei no lugar dele, sem saber que o Inácio já havia escolhido aquela carteira, ele tinha se levantado para falar com alguém e quando voltou eu estava no lugar dele. Foi logo me mandando sair dali, de um jeito meio brusco; não gostei daquele tom de voz, mas mesmo assim expliquei que não sabia que ele já estava sentado ali, não havia nada marcando o lugar, enfim... Talvez eu tenha sido um tanto categórico, talvez até agressivo, e como eu era bem maior que ele, Inácio hesitou e acabou mudando de lugar, não sem antes me dirigir um olhar nada amistoso. Coisas de adolescente. Nos primeiros dias nos evitamos, mas uma ou duas ou três semanas depois entrei numa sala que imaginei que estivesse vazia e encontrei Inácio sentado ao piano e se preparando para começar a tocar. Ele não me viu, estava de costas para a porta, lembro que começou um prelúdio do *Cravo bem temperado*, o prelúdio em ré maior do segundo livro, e logo no primeiro acorde, que ele tocou *fortissimo*, fiquei absolutamente deslumbrado, permaneci imóvel uns três metros atrás dele — os primeiros compassos foram estupendos, cheios de cores vivas que saltavam do teclado, por assim dizer, e quando alcançou aquela modulação meio inesperada logo antes da escala descendente triunfal do compasso

*image
not
available*

tão inculta quanto o pai, mas era uma pessoa inteligente, dava para perceber que ela compreendia que o filho era um ser extraordinário, dotado de um talento raro; foi ela quem insistiu na importância de fazer sacrifícios financeiros para que a família pudesse se mudar para a cidade, onde o Inácio poderia estudar num bom conservatório, comprar discos, ir a concertos; o pai não entendia nada, só assinava os cheques; talvez fosse um casamento típico, com divisão de papéis bem definida, um toma as decisões e o outro assina os cheques... Mas voltemos à história. (*Pausa longa. Bebe um copo d'água.*)

A uma certa altura do curso as garotas começaram a entrar na nossa vida, dizia eu. Porque até então a nossa amizade nos absorvia por completo, não havia espaço para mais ninguém. O Inácio era muito possessivo, ciumento mesmo, de modo que ele não gostava que eu tivesse outros amigos, chegava a implicar com uns primos de quem eu era próximo... Sim, até que as garotas começaram a aparecer. Não que nós fôssemos muito namoradores, absolutamente; o que mais fazíamos era estudar, estudar, vida de músico, de estudante de música, é isso, estudar e tocar para plateias, primeiro no ambiente do conservatório, e aos poucos no mundo exterior. Eu agora me dedicava mais a composição e regência, e Inácio rapidamente se tornava conhecido nos meios musicais como um futuro grande pianista; assim, não havia competição, não havia rivalidade entre nós. Quer dizer, Inácio também compunha, mas ele quase nunca mostrava as composições a ninguém, só a mim, e assim mesmo de vez em quando, coisas muito boas, que eu queria que ele mostrasse imediatamente para todo mundo, só que ele nunca estava satisfeito, sempre achava que era preciso trabalhar mais, elaborar melhor o desenvolvimento de uma sonata, dar uns retoques no *stretto* de uma fuga... (*Pausa breve. Olha para o copo d'água, mas não bebe.*)

*image
not
available*

me dizer; cheguei mesmo a pensar em me antecipar, mas pensei melhor e resolvi deixar ele mesmo falar. E então ele me contou. (*Pausa.*) Estávamos só nós dois numa sala, me lembro muito bem, era um dia quente, o conservatório já estava em clima de férias, gente falando alto no corredor, nós estávamos numa sala vazia e ele me contou tudo com a maior empolgação. E eu, eu fingi que aquilo era uma novidade para mim, fingi que não tinha percebido nada, dei os parabéns a ele; mas no fundo, é claro, eu estava meio enciumado, talvez com um pouco de ciúme da Elza, por quem talvez eu tivesse uma queda, mas principalmente ciúme do Inácio, que até então era, por assim dizer, propriedade exclusiva minha. Não sei se consegui disfarçar meus sentimentos por completo, porque no instante seguinte a expressão no rosto do Inácio mudou um pouco, surgiu uma ruga entre os olhos por uma fração de segundo, e ele disse: Olha, mas isso não muda nada a nossa amizade, você continua sendo meu melhor amigo, o Trítano Terrível segue em frente! O Trítano Terrível... (*Sorri.*) Isso porque a dona Edith, numa aula de harmonia, um dia em que nós três não parávamos de conversar, interrompeu a aula para dizer: Mas esses três hoje estão terríveis, hein! É o trítano terrível, o diabo na música! E aí o nome pegou, nós éramos o Trítano Terrível, e o Inácio fez questão de dizer: o Trítano Terrível continua, não muda nada, nada. (*Pausa.*) Mas é claro que mudou. Claro que o namoro passou para o primeiro plano. Por mais que a amizade continuasse, não era mais a mesma coisa. (*Pausa. Bebe um gole d'água.*)

E foi pouco depois disso que o Inácio começou a trabalhar nas *Variações Kreutzer*, ao mesmo tempo que estudava Schoenberg. Curioso, já conheci várias pessoas que dizem não suportar música dodecafônica e quando ouvem as *Variações* ficam maravilhadas, sem perceber que o que o Inácio faz com o tema do Beethoven, ou

*image
not
available*

variações para quarteto de cordas. Mas aí houve um problema. Um problema. (*Pausa.*) Uma entrevista que eu dei para a estação de rádio, me chamaram para me entrevistar a respeito do quarteto e eu disse que não, que entrevistassem o verdadeiro compositor ou os músicos, e não a mim, mas o Inácio, que era muito tímido, muito zeloso da privacidade dele, disse que não queria dar entrevista nenhuma, que ele não queria saber dessas coisas, e é claro que eu devia ter feito pé firme, me recusado a dar entrevista também. Mas vocês sabem como são as coisas, o homem da rádio insistiu, e acabou que eu também participei da entrevista, junto com o pessoal do quarteto. Aí houve uma sessão de fotos, de modo que a foto que saiu na contracapa do disco foi a minha. E na capa a composição foi atribuída a nós dois. Quer dizer, isso até acontece, *Quadros de uma exposição* de Mussórgski e Ravel, todo mundo sabe que a música é do Ravel e a orquestração — quer dizer, que a música é do *Mussórgski* e a orquestração do Ravel, e no disco sai assim, com o nome, o nome dos dois como compositores. Mas o Inácio ficou magoado, foi a primeira briga que houve entre nós desde aquela primeira, quando eu sentei na cadeira dele. A Elza e o Afrânio foram falar com ele, explicaram as circunstâncias, me eximiram de qualquer culpa... Pedi desculpas ao Inácio, chorei, ele também chorou, uma choradeira geral, fizemos as pazes e coisa e tal. Mas a nossa amizade ficou arranhada, uma coisa muito triste. E o Inácio, que nos últimos tempos estava se tornando um sujeito menos brincalhão, mais calado, se isolou mais um pouco de nós. O namoro com a Elza continuou, mas ela se queixava com os amigos mais próximos de que o Inácio estava um pouco diferente até mesmo com ela. Daí em diante ele nunca mais mostrou nenhuma composição a mim, nem à Elza, nem ao Afrânio, a ninguém; eu nem sabia se ele continuava a compor ou não. Nunca mais. (*Pausa. Bebe um copo d'água.*)

*image
not
available*

enfermaria; de início ele resistiu, me xingando, mas depois acabou se deixando levar. (*Bebe mais água. Pausa longa.*)

Durante todo o período de recuperação, o que eu mais fiz foi cuidar do Inácio. Claro que os pais também se desdobraram em atenções, ele era filho único, afinal, mas a minha dedicação foi total, e aos poucos ele foi parando de me fazer acusações, aceitando a minha ajuda sem reclamar. Era eu quem levava o Inácio de carro às consultas médicas, às sessões de fisioterapia, acabei virando uma espécie de fisioterapeuta auxiliar... Quase fui reprovado por falta naquele semestre, eu praticamente sumi do conservatório nas últimas semanas de aula. (*Pausa.*) Quer dizer, houve uma certa reaproximação entre nós, por efeito do problema do braço dele... mas mesmo depois que parou de me recriminar, de me acusar, o Inácio... enfim, não era mais como antes. Ele comigo. O Inácio havia esfriado comigo. Por mais que eu me dedicasse a ele, dava para sentir que, no fundo, mesmo ele não dizendo nada, mesmo sabendo que eu não havia feito nada de propósito, o Inácio não havia me perdoado. Por completo. (*Pausa.*) Quer dizer, não que fosse mesmo caso de perdoar, porque afinal... (*Bebe um copo d'água.*) Mas enfim. À medida que ele melhorava, e até mesmo voltava a estudar um pouco de piano, a frieza ia ficando mais explícita. Com a Elza, então, o rompimento foi total, um nunca mais procurou o outro, a Elza nunca mais quis saber do Inácio, mesmo depois que fui falar com ela, tentando promover uma reaproximação... Foi uma iniciativa cem por cento minha, do Inácio não partiu nada, ele nunca mais tocou no nome da Elza, claro que aquela tentativa de reconciliação não podia mesmo dar em nada. (*Pausa longa. Enxuga uma lágrima.*)

Assim, minhas idas à casa do Inácio foram rareando, porque ele já não precisava tanto de mim, já estava quase recuperado do problema no braço, e porque estava cada vez mais claro que a minha presença

*image
not
available*

Mas chega. Me alonguei demais, mil perdões... Não era essa a minha intenção, absolutamente. Vou encerrar minha fala agradecendo, mais uma vez, a este conservatório, aos meus professores, aos meus velhos colegas, os que ainda estão vivos tanto quanto os que não estão mais entre nós... e a vocês, que me aguentaram falando pelos cotovelos... (*Risos na plateia; um princípio de aplauso.*) Vou encerrar, mesmo, porque a minha mulher está apontando para o relógio há algum tempo. (*Mais risos, mais aplausos.*) Muito obrigado, muito obrigado. (*Os aplausos continuam enquanto ele desce do palco, e aumentam quando ele é recebido e abraçado por uma mulher sessentona, ainda bonita, bonita de chamar a atenção, mesmo, morena, alta, mais alta que ele, até. Os dois se beijam e os aplausos se intensificam. Alguns dos espectadores já começam a assumir posições estratégicas em relação ao bufê.*)